

Nada acontece sem o verbo CRIAR.  
Estamos criando a cada momento. Criar é vida, é movimento, é ação, e se manifesta predominantemente nas variadas expressões artísticas. A categoria Criar, que me foi atribuída pelo Prêmio Milú Villela – Itaú Cultural 35 Anos, tem esse caráter de amplitude, de transformação com que a arte se apresenta. Criar me revela como um canal para a expressão da união, me dá a síntese do que sou.

LÉA GARCIA





Léa Lucas Garcia de Aguiar é uma atriz que, há sete décadas, atua no teatro, no cinema e na TV brasileira. Sua trajetória reflete a história das artes dramáticas nacionais e como as diferenças raciais são determinantes em nosso país.

Com seu talento, conquistou espaço, trabalhos e fama, mas sua atuação, em geral, esteve restrita a um recorte preestabelecido do que podem ser os personagens negros. Essa situação se transformou nos anos 2000, com a ascensão de diretores e realizadores pretos, que conseguiram dar vida a projetos com mais equidade. Léa sempre teve consciência de sua cor e agiu em prol desse ativismo.

Sua estreia se deu no grupo Teatro Experimental do Negro (TEN), em 1952, com Abdias Nascimento. Sua primeira personagem no cinema, Serafina [em ORFEU NEGRO (1959), dirigido por Marcel Camus], fez dela a primeira brasileira a concorrer ao prêmio de Melhor Atriz no FESTIVAL DE CANNES, na França. Tinha 24 anos. Circulou nas rodas do cinema mundial vestindo Dior e sendo cortejada por atores como Sidney Poitier (Estados Unidos, 1927-2022), mas não se dobrou aos deslumbres. Sabe da falsa maciez das águas.

Viveu uma dezena de personagens no teatro, no cinema e na TV. A popularidade veio em 1976, na novela ESCRAVA ISAURA [de Gilberto Braga (1945-2021)], em que encarnou a vilã Rosa. A partir daí, começou a ser conhecida por alterar textos e abordagens que reproduziam o racismo estrutural. Além de Rosa, fez isso com a professora Leila na novela MARINA [1980, dirigida por Herval Rossano (1935-2007)], em que deu uma aula sobre quem foi Zumbi dos Palmares (1655-1695), sem subterfúgios históricos conservadores.

Suas atuações memoráveis são diversas: no teatro, por exemplo, fez Josephine Baker (1906-1975) em PIAF — A VIDA DE UMA ESTRELA DA CANÇÃO [1983, com Bibi Ferreira (1922-2019)] e participou da histórica montagem de A MISSA DOS QUILOMBOBOS [1988, com direção de João das Neves (1935-2018)]. No cinema, foi uma das protagonistas de FILHAS DO VENTO [2004, com direção de Joel Zito Araújo (1954)], ao lado da amiga Ruth de Souza (1921-2019), com quem dividiu o Kikito de Melhor Atriz no FESTIVAL DE GRAMADO (RS). Foi também Jerusa em UM DIA COM JERUSA [2018, dirigido por Viviane Ferreira], rodado com uma equipe composta quase exclusivamente de mulheres negras.

A criação, para Léa, deriva do ato divino, bíblico, que gera o mundo e a humanidade, e a esse ato ela se dedica com habilidade, afã e o corpo banhado pelo suor da faina.

Léa sabe bem que as mulheres negras são a base de sustentação de grande parte das famílias brasileiras e foi assim que criou seus três filhos. Para garantir que nada lhes faltasse, trabalhou também, até a aposentadoria, no Ministério da Saúde e no Instituto Philippe Pinel, sem se afastar da criação artística, deslizando pelas pedras e saindo ilesa.



**UMA ESTRELA-GUIA** Ao rodar o documentário A NEGAÇÃO DO BRASIL, eu tive a chance de conhecer com profundidade a carreira de Léa Garcia, mas foi ao dirigi-la em FILHAS DO VENTO que pude compreender por que ela provoca esse imenso prazer em nossos olhos e sentidos quando acompanhamos sua movimentação na tela. Léa não é apenas portadora da historicidade e das experiências de um corpo de mulher negra brasileira que ela representa tão bem quando constrói suas personagens. Creio que o Brasil ignora que ela, mesmo tendo sido a primeira brasileira a ser indicada para a Palma de Ouro de Melhor Atriz do FESTIVAL DE CANNES, em 1959, só teve a chance de ser reconhecida nacionalmente ao fazer o marcante papel da vilã Rosa na telenovela ESCRAVA ISAURA, em 1976. E, mesmo assim, a partir daí os papéis importantes foram escassos; ela somente voltou a disputar o prêmio de Melhor Atriz em 2005, no FESTIVAL DE GRAMADO, no qual foi vitoriosa por sua atuação em FILHAS DO VENTO. • Léa, em suas interpretações, vai além da experiência adquirida como uma atriz que nasceu no Teatro Experimental do Negro (TEN) nos anos 1950 e está completando 70 anos de atividades no palco, no cinema e na TV. Essa pluralidade e sinfonia de sentidos que ela traz e provoca com suas interpretações vêm de sua resiliência, de sua capacidade de transformar mágoas ou decepções com uma extrema sensibilidade de rainha. De devolver tudo isso com um porte cheio de altivez e dignidade. É por isso que considero que, na galeria das grandes atrizes do mundo, Léa está lá. • Hoje, com 89 anos, ela continua intensa, cheia de energia e atuando nos palcos e nas telas, tornando-se a maior referência viva de atriz para as diversas gerações de atores e diretores negros e negras que vieram depois dela. Reconhecer sua condição de estrela-guia é uma tarefa urgente. **JOEL ZITO ARAÚJO**